

IDENTIDADE DE GÊNERO: UM ESTUDO PARCIAL NA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA DO CAMUTÁ-PUCURUÍ¹

Selma França MARQUES (G-UFGA/PARFOR)

Sandra Maria JOB (UFGA)

RESUMO

Entre matas e rios, esquecidas e escondidas dos olhos dos governantes, da sociedade e também da academia, (sobre) vivem mulheres guerreiras, valentes, mas nem por isso (re)conhecidas e/ou gozando dos seus direitos humanos e sociais. Torná-las visíveis aos olhos da sociedade e dos governantes é a proposta de um grupo de pesquisa, denominado de EGERA- Estudos de gênero e raça, do qual este trabalho é um dos muitos braços. Esse trabalho, em particular, tem como sujeitos de pesquisa as mulheres que vivem na comunidade Nossa Senhora de Fátima do Camutá- Pucuruí. A pesquisa se encontra em fase de desenvolvimento e, para este momento, os resultados parciais que trazemos dizem respeito à questão da identidade de gênero analisada a partir da narrativa oral extraída de um grupo de mulheres, selecionadas aleatoriamente. Neste contexto, portanto, o objetivo é, a partir das narrativas orais, traçar a identidade de gênero, buscando verificar como elas se veem e pensam ser vistas pela sociedade no que se refere a gênero (no sentido construído), pois só a partir do momento em que as ouvirmos poderemos entendê-las e conhecer suas reais necessidades – humanas, sociais, políticas e econômicas. Conhecimentos estes necessários para que se reivindicem quaisquer coisas para as mulheres que vivem entre rios.

PALAVRAS-CHAVE: Mata. Rios. Mulheres marajoaras. Rio Camutá- Pucuruí.

*De maneira especial, a meu esposo Raimundo Barbosa Moraes, bem como a todas as pessoas da minha família, com quem mantenho um forte laço de amizade e companheirismo.
(S.F.M)*

INTRODUÇÃO

Entre matas e rios, esquecidas e escondidas dos olhos dos governantes, da sociedade e também da academia, (sobre) vivem mulheres guerreiras, valentes, mas nem por isso (re)conhecidas e/ou gozando dos seus plenos direitos humanos e sociais. Torná-las visíveis aos olhos da sociedade e dos governantes é a proposta de um grupo de pesquisa denominado de EGERA- Estudos de gênero e raça, do qual este trabalho é um dos muitos braços. Esse trabalho, em particular, tem como sujeitos de pesquisa mulheres que vivem na comunidade Nossa Senhora de Fátima do Camutá- Pucuruí. A pesquisa se encontra em fase de desenvolvimento e, para este momento, os resultados parciais que trazemos dizem respeito à questão da identidade de gênero a partir do relato de algumas delas. Neste contexto, portanto, o objetivo é, a partir das narrativas orais dos sujeitos desta pesquisa, traçar a identidade de gênero. O intuito é verificar como elas se veem e pensam ser vistas pela sociedade no que se refere a gênero (no sentido construído), pois só a partir do momento em

¹ Pesquisa desenvolvida com apoio MCTI/CNPQ/Universal 14/2014.



que as ouvirmos poderemos entendê-las e conhecer suas reais necessidades – humanas, sociais, políticas e econômicas. Conhecimento este necessário para que se reivindicuem quaisquer coisas para as mulheres que vivem entre rios.

Para uma melhor organização, procuramos dividir o trabalho em três momentos, a saber. Primeiramente, trazemos uma breve contextualização geográfica e histórica da comunidade Nossa Senhora de Fátima do Camutá-Pucuruí, em seguida, fazemos uma breve abordagem sobre gênero, enquanto construção social, e procuramos traçar a identidade de gênero das mulheres entrevistadas para esta pesquisa. E, por fim, trazemos as conclusões.

Desta forma, a seguir, portanto, um breve histórico sobre a comunidade Nossa Senhora de Fátima.

1 NOSSA SENHORA DE FÁTIMA: HISTÓRIA E ESTÓRIA DE MULHERES

O Brasil é uma região geograficamente extensa. E essa extensão se estende a sua gente, seus costumes, histórias, crenças e tradições. Uma dessas regiões e dessa gente estão localizadas no estado do Pará, mais especificamente no Arquipélago do Marajó. E é para lá que nosso olhar se estende com o objetivo de se fazer conhecer, dentro desse extenso arquipélago, a Comunidade Nossa senhora de Fátima.

A comunidade Nossa senhora de Fátima está localizada no igarapé Camutá, na margem direita do rio Pucuruí, para quem vem de Belém no sentido Belém-Gurupá. Ela faz parte do município de Gurupá estado do Pará, a uma distância de 22 quilômetro em linha reta da sede do município. A mesma compreende uma área total de 17.852.83 hectares de terra firme e igapó onde vivem e trabalham 21 famílias. A área faz limite ao norte e leste com terras do Estado no município de Gurupá; ao Sul com a floresta Nacional de Caxiuanã²; a Oeste com a comunidade dos remanescentes de Quilombos de Gurupá³.

²Caxiuanã: Terras de Cobras.

³Comunidade Nossa do Perpetuo Socorro e Comunidade Pavilhão da Benção.

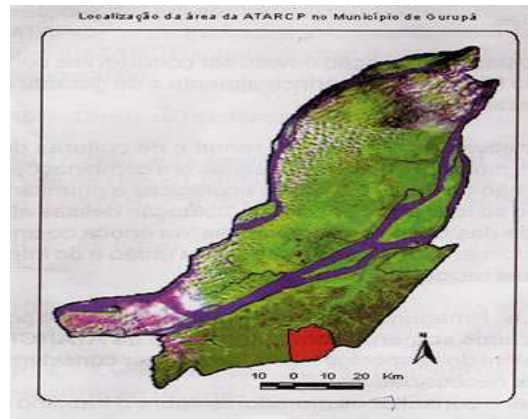


Fig.1: Mapa da localização da Comunidade Nossa Senhora de Fátima no Município de Gurupá.⁴

Fonte: Plano de Uso dos Recursos Naturais dos trabalhadores Rurais do Camutá do Pucuruí – ATARCP.



Foto 3: Vista da entrada da Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Camutá - Pucuruí
Fonte: Arquivo pessoal de Selma França.

Essa comunidade, de acordo com relato da moradora Maria da Luz de Almeida Coutinho (falaremos um pouco mais abaixo sobre ela), surgiu com a chegada do senhor Isaias Pereira da Gama, sua esposa Maurícia Pereira e seus filhos que eram descendentes de paraense e maranhense, que passaram a ocupar aquela área, que no passado teria sido ocupada por índios Mariocay. Os familiares do senhor Isaias Pereira eram muito religiosos e tinham como padroeiro o Divino Espírito Santo o qual festejavam todos os anos⁵.

⁴Em vermelho é a área da comunidade Nossa Senhora de Fátima do Camutá-do-Pucuruí, em azul, o rio Amazonas e seus afluentes.

⁵ Ainda de acordo com relatos da senhora Maria da Luz Almeida Coutinho, após alguns anos um dos filhos desse casal, o senhor Pedro Pereira de Almeida, hoje com 91 anos, saiu para estudar com os padres em Gurupá, ele recebeu de um padre que era seu professor um livro que nele relatava as aparições de Nossa Senhora de Fátima. Ao voltar de seus estudos por volta de 1949 trouxe consigo seus cunhados, seus parentes e começaram a ocupar aquela área. O senhor ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA**. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131



2 MULHERES ENTRE RIOS: IDENTIDADE DE GÊNERO

A questão de gênero é um termo que culmina em longas discussões, muitas vezes complexa. Tais discussões passam pela questão da construção social do termo, por exemplo, e não têm encontrado fronteiras dentro da academia. Ou seja, tal tema é foco das teorias literárias, sociologia, antropologia, psicanálise, etc. O objetivo aqui não é abraçar essa ou aquela área para traçar a identidade de gênero das mulheres da comunidade Nossa Senhora de Fátima. Mas se faz necessário trazer à tona algumas discussões que envolvem tal termo.

De acordo com Simone de Beauvoir (1949), a mulher não nasce mulher, ela se torna mulher. Com isso a autora quis dizer que o que a sociedade considera como sendo papel da mulher é algo construído socialmente. Em outras palavras, pressupõe-se que mulher é aquele ser que nasceu para fazer serviços domésticos, casar e ser uma boa esposa, caso não seja, ela já se torna mal vista pela sociedade. Espera-se também que ela seja uma boa mãe, pois tendo um órgão genital feminino, pressupõe-se que traga consigo o famoso “instinto maternal”. E essa concepção social do que seja a mulher é transmitida e propagada pela sociedade que julga e vê com maus olhos aquelas que, porventura, não se enquadram nesse perfil.

O problema dessa visão social sobre o que seja a mulher é que a sociedade discrimina, julga, maltrata todas aquelas que fogem a essa concepção social construída, arquitetada. Essa concepção tem dominado, subjugado, oprimido as mulheres, pois, entre outras coisas, faz com que muitas ao apanharem dos homens/maridos, por exemplo, se sintam merecedoras, pois, acreditam que, de alguma forma, não sejam “boas esposas” - o que para elas é “dever” de toda mulher. E ser boa esposa é obedecer ao marido, cuidar bem da casa e dos filhos, ser uma amante sempre disposta e receptiva.

Outro problema dessa concepção social do que seja mulher é a mesma está tão bem introjetada nas relações sociais e no subconsciente dos indivíduos que as próprias mulheres educam seus filhos e as filhas dentro dessa visão patriarcal (visão esta na qual o homem detém o poder sobre tudo, inclusive sobre a mulher). Ou seja, é uma educação que reproduz o que a sociedade estabelece como sendo de e para mulher. Nesse sentido, de acordo com Job (2011), há séculos a sociedade vem ditando como a mulher deve ser e como ela deve se comportar na sociedade. E se ela foge ao que ela dita, está mulher está condenada a ser apontada na rua e, conseqüentemente, acaba sendo excluída, de certa forma, pela sociedade. Mudar essa visão e os conceitos introjetados tem sido uma

Pedro Pereira começou a conversar e a ler o livro para as demais pessoas e passou a explicar que tinha um sonho de povoar aquele lugar em nome de Nossa Senhora de Fátima.



das metas dos estudos de gênero assim como outras as políticas públicas⁶ também têm tentando minimizar as desigualdades que, por séculos, têm colocado a mulher numa situação social de inferioridade.

Contudo, nem sempre tais medidas públicas e/ou as discussões empreendidas dentro dos estudos de gênero contemplam todo o território nacional. Por isso, trazer à tona discussões sobre gênero torna-se uma forma de tornar visíveis situações outras, olhares outros para os estudos de gênero. Neste contexto, ouvir/ler, por exemplo, mulheres ribeirinhas é abrir um espaço para conhecer mulheres de outras regiões e outras realidades.

E, em se tratando destas mulheres, existem muitas ao longo dos rios do Arquipélago do Marajó. Porém, para esta pesquisa, interessa-nos, em particular, as mulheres da comunidade Nossa Senhora de Fátima do Camutá-Pucuruí e tem como propósito discorrer sobre a questão da identidade de gênero, buscando identificar, a partir da narrativa oral extraída de algumas delas que foram selecionadas aleatoriamente, a identidade de gênero que predomina ali. Para tanto, entrevistamos um grupo⁷ de mais de 10 (dez) mulheres ribeirinhas, desta comunidade, com idades variadas, assim como o grau de escolaridade. As perguntas giravam em torno de saúde, corpo, gravidez, sonhos, e duas, em especial, que poderão nos dar as respostas para a identidade de gênero, que é o objetivo aqui. São elas: “o que é ser mulher para você?” “O que é ser homem?”

Para a entrevistada⁸ A.G.P. (26 anos),

eu acho que ser mulher é uma grande responsabilidade pra mim como mulher, e me sinto feliz porque, tipo assim, já vimos que, que hoje nós temos até na presidência da república já tem uma mulher, né?, E hoje nós temos vez e voz na sociedade, você pode falar, você pode falar o que sente de ruim, de errado, hoje a mulher tem voz e tem vez, e também assim hoje já tem a lei que ampara né as mulheres, a lei da Maria da Penha e é triste porque ainda tem muitas mulheres que ainda apanham, que ainda vivem submissas ao seu marido, não tem voz, e não tenham voz, vez e voz, tenham medo, **muitas das vezes a gente quer ajudar e elas não deixam, se fecha**, então pra mim isso é uma tristeza perante as mulheres e assim acho que ser mulher a responsabilidade é mais pra mulher do que pro homem. (Grifos nossos).

Indagada sobre o que é ser homem, ela respondeu que “[...] ser homem eu acho que o homem, vendo do lado deles, eu acho que os homens são todo machista, [...]. Eles são machista porque ele, às vezes, eles não aceitam a opinião da mulher, uns respeitam, mas outros não respeitam”.

Nota-se, pelas exposições ao longo da entrevista que ela tem uma noção crítica sobre a condição da mulher na sociedade, inclusive dentro do seu contexto social, pois quando ela diz, por

⁶Alguns projetos governamentais estipulam cotas específicas para as mulheres e/ou são direcionadas apenas às mulheres numa tentativa de igualdade de gênero.

⁷Todas as entrevistadas foram informadas sobre o teor e o porquê da entrevista. E todas assinaram um termo de concordância para o uso das suas respectivas falas e da imagem.

⁸Todas as entrevistadas são ribeirinhas. As entrevistas foram gravadas e não houve nenhuma discussão prévia sobre gênero para obtermos as respostas às perguntas feitas, pois não queríamos influenciar respostas.



exemplo, “muitas das vezes a gente quer ajudar e elas não deixam”, ela está se referindo às mulheres da sua comunidade. Essa visão ampla seguramente advém da pouca idade (26) e pelo fato de estudar, pois embora seja casada, a mesma diz ter o apoio “da minha família também, meu pai, meus irmãos, meus cunhado, meu marido, principalmente meu marido entendeu, me trata bem, me dá apoio quando eu preciso, principalmente nos meus estudo”.

Para a Beatriz, “Mulher pra mim é ser respeitada, valorizada e respeitada pelas pessoas, **ajudar na casa, cuidar dos filho**”. Já ser homem é “homem pra mim é ajudar a mulher, ajudar a mulher a cuidar dos filho, **cuidar da comunidade**, cuidar das coisa, ajudar as mulher fazer as coisa, no trabalho, respeitar a mulher também”. Beatriz é uma mulher que tem como *maior* sonho “**ter uma casa boa**, um, um bagulho na minha casa, ter meus bagulho de valor”. Talvez por que, como ela mesma diz, “trabalho em casa”, seu sonho seja melhorar seu local de trabalho. Seu reduto.

Beatriz, diferente de A.G.P., reproduz, de forma mais nítida, o papel socialmente construído, qual seja, a de que à mulher cabe o papel de cuidar da casa, dos filhos, isto é, ficar dentro da esfera do lar. Ao homem cabe o espaço público, externo, pois ela acredita que é papel do homem “cuidar da comunidade”. E na sua fala ela faz parecer que isso é algo naturalmente correto dentro da organização social.

A entrevistada B.C.O, de 55 anos, diz que tem “uma ideia que ser mulher é a gente ter uma preocupação com a família da gente, com esposo da gente com os filhos, com a casa da gente, cuidar da gente mesmo também, eu acho que **pode ser isso, né?**” Quanto ao homem, para ela, “agora o que ser homem? Eu acho que é a mesma coisa, ele cuidar bem da família dele, dos filhos, da casa dele a responsabilidade é a mesma um pouco também”. Seu sonho é “viver o resto de minha vida com o **marido que tenho, perto dos meus filhos**”.

Para M.G. G. P., 62 anos, “pra mim ser mulher, né?, acho que, acho não, que nós têm o mesmo direito que o homem tem. Eu quero ser eu mesma, né? Quero participar das coisas aprender, né? [...]. Eu com 62 anos, eu já aprendi muita coisa da vida como mulher, o direito que eu tenho, **os deveres que eu tenho como mulher**, né? E para ela, “ser homem ,né?,[...]. Vamos dizer, né?, Eu pra mim como homem, ele **deve ser homem**, né? Aquele homem mesmo de **responsabilidade**, compromisso como homem, né? **Deveres**[...]”

N. C. P., 19 anos, acredita que ser “mulher pra mim [...] é uma experiência boa que a gente tem na família, [...], por exemplo, como mãe, a gente é uma boa mãe, tem mulher que não é boa com seus filhos, mas **tem mulher que é boa com seus filhos, então pra mim essa é uma mulher de verdade** e é isso pra mim.” Em contrapartida, ser homem, “é também cuidar dos filhos, **dá sustento**, dá carinho pra família, [...]”. Ela sonha “ser feliz daqui pra frente, **sei lá... Cuidar da minha filha**”.

Ser mulher para B.C.F., 26 anos, é, **poder ter filhos**, dá uma criação para seus filhos, **ter um bom esposo** [...]”. Ela sonha em “ter um futuro melhor pro meus filhos” . Acha que “pelos homens da comunidade, por uns sou tratada bem, mas devido **eu ser separada têm uns que não me respeita** [...]” e, por isso, ela se sente “mal, né?, “Devido a separação, as pessoas não me respeitarem”.

Em suma, para melhor visualizar e comparar temos as seguintes informações:

Nome	Idade	Profissão	Papel da mulher	Outras informações relevantes
A.G.P.	26	“Trabalho dentro da minha casa”	“Ser mulher é uma grande responsabilidade”	“sonho em lutar pelo um Brasil justo, que as mulheres possa ter mais vez e mais coragem e mais atitude para tomar”
Beatriz	Não disse	Trabalha em casa	“ajudar na casa, cuidar dos filhos”	“Sonho de ter uma casa boa”
B.C. O.	55	“faço só em casa mesmo”	“uma ideia que ser mulher é [...] ter uma preocupação com a família da gente, [...] eu acho que pode ser isso”	-----
M. G. G. P.	62	Lavadora	“os deveres que eu tenho como mulher”	-----
N.C.P.	19	Merendeira	“tem mulher que é boa com seus filhos, então pra mim essa é uma mulher de verdade”	“ainda não fiz o preven - tivo, uso anticoncepcional
B. C.F.	26	Trabalho, [...] qualquer coisa eu faço pra mim sobreviver	“poder ter filhos [...] ter um bom esposo”	devido eu ser separada têm uns que não me respeita”

E, exceto pela A.G.P., a primeira da tabela acima, todas as demais têm a mesma concepção do que é ser mulher. E essa concepção é a mesma que a sociedade patriarcal propagada, que a Igreja ratifica: ser mulher é ser mãe, mas não apenas mãe tem que ser uma boa mãe, boa esposa. Caso contrário, sofrerá o desrespeito denunciado por B.C.F, caso seja separada. E é relevante reparar que independe da idade essa concepção, pois até N.C.P, de 19 anos, tem essa visão estreita e limitada do papel da mulher dentro da sociedade. Visão esta que, *aparentemente*, apenas uma educação elucidativa nesse sentido poderá ser capaz de mudar.

E é relevante mudança nesse sentido por vários motivos. Um deles diz respeito ao mal estar citado pela entrevistada B.C.F. por não ser respeitada por alguns dos homens da sua comunidade. Homens estes que julgam, tratam as mulheres de uma forma machista, pré-concebida e, conseqüentemente, injusta. Além disso, também é relevante porque ideias ultrapassadas sobre o que seja mulher como as proferidas acima e outras como a de O. P. F.⁹, 27 anos, devem ser

⁹Para O.P.F. “ser mulher é **ser mãe**, né?, construir uma família [...], a gente que é mulher, a gente é mas o **sexo frágil**. [...]. No meu ponto de vista o homem ele tem a carga maior, porque o homem quando se constrói uma família ele é o **chefe da família**, né?”



extinguidas da sociedade. Só assim as desigualdades entre homens e mulheres poderão, quem sabe, acabar na sociedade brasileira.

CONCLUSÃO

Concluímos a partir deste trabalho que a sociedade pré-estabelece um perfil para o qual a figura feminina deve seguir. Porém aquela que não se encaixa a este perfil é sentenciada pela sociedade.

Constatamos, através das entrevistas, que a mulher ainda assume o papel imposto pelo meio social (dona de casa, mãe, esposa). E as mulheres da comunidade Nossa Senhora de Fátima ainda possuem esta visão arcaica de que a mulher tem que assumir o papel do lar e o homem as tarefas externas. Pode-se concluir também que dificilmente a concepção que essas mulheres têm sobre o papel da mulher não será transmitido aos filhos e filhas. A consequência disso é mais e mais mulheres sendo oprimidas, submissas, sofrendo violência doméstica, sendo estuprada e se mantendo calada e se sentindo culpada pela violência sofrida, entre outras barbaridades que as mulheres têm sofrido ao longo dos séculos.

Desse modo, é necessário e urgente que haja uma conscientização sobre seus direitos perante à sociedade. Só assim teremos uma sociedade mais justa e mais igualitária para com as mulheres, inclusive as ribeirinhas.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

JOB, Sandra Maria. **Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileira**. Tese (Doutorado em Literatura). UFSC, Florianópolis, 2011. Disponível em: >
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95228/294989.pdf?sequence=1>> Acesso em 29 dez. 2014.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.5.